

A verdadeira história do massacre da expedição Calleri

Amazonas, 1968. O padre italiano João Calleri e os oito membros da expedição que ele comandava para pacificar os uaimiri-atroari são barbaramente assassinados. Trinta anos depois, um livro traz novas revelações sobre a tragédia. Os índios não agiram sozinhos. Eles foram instigados – e ajudados – por brasileiros e missionários americanos interessados em explorar as jazidas de ouro e cassiterita de suas terras

Durante trinta anos, os registros oficiais sustentaram que os índios uaimiri-atroari massacraram o padre italiano João Calleri e outras oito pessoas da expedição que ele comandava, no Amazonas. A expedição tinha por missão pacificar esses índios para permitir o avanço das obras da BR 174, rodovia que ligaria Manaus a Caracas, na Venezuela. Agora, um outro padre, Silvano Sabatini, apresenta em um livro o resultado de investigações que iniciou logo depois do massacre e perduraram por esses trinta anos. *Massacre*, o livro, desmonta a versão oficial.

Baseado no testemunho de índios que participaram dos fatos, mostra que dois brancos comandaram o massacre: um brasileiro, o mateiro Álvaro Paulo da Silva, que integrava a expedição mas se desligou dela, e o missionário americano Claude Leawitt (Kron, na pronúncia dos índios), da Missão Evangélica da Amazônia, MEVA, que atuava nas fronteiras do Brasil com Suriname e Venezuela. A decisão de matar Calleri, diz o livro, incluiu um segundo missionário da MEVA, Robert Hawkins. E um coronel reformado do exército britânico, William Thompson, vindo da ex-Guiana Inglesa e aliado dos dois americanos. Hawkins e o inglês não participaram diretamente do massacre.

Ouro e religião

Álvaro morreu em 1981. Os dois missionários americanos, diz o padre Sabatini, vivem nos Estados Unidos. Por que o massacre? Está no livro: "Calleri era católico e a MEVA não queria que ele levasse sua religião aos uaimiri-atroari, por isso decidiram matá-lo. Em uma de suas primeiras viagens a Manaus, Kron encontrou em contato com Álvaro Paulo e acertou com ele o assassinato do padre e, para isso, a MEVA pagaria US\$4 mil ao mateiro".

Os depoimentos do livro mostram que a questão não se resumia só nisso. Os missionários americanos e o coronel inglês não estavam apenas interessados na evangelização dos índios, mas no ouro que havia em seu território. "Os depoimentos provam que Kron e Thompson realizaram pesquisas minerais em áreas próximas e coincidentes às áreas onde hoje está a (empresa de mineração) Parapananema", disse o padre Sabatini ao JT.

O padre foi o coordenador da expedição Calleri. Em outubro, pediu a reabertura do inquérito ao Ministério Público Federal e depôs na 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, que cuida das comunidades indígenas e minorias. No mês passado, o procurador Carlos Frederico Santos começou investigações em Roraima e no Amazonas – ainda em curso. O primeiro inquérito que investigou as causas do massacre foi aberto em 12 de dezembro de 1968 e encerrado em maio seguinte. Concluiu que brancos não tinham participado do crime. "Desde aquele momento eu tive certeza absoluta de que a versão apresentada era falsa", diz Sabatini.

No começo desta década, o padre havia reunido "uma montanha" de documentos, depoimentos de brancos e recortes de jornais. "Eu estava num impasse, tinha tudo e não tinha nada". A partir de 1994, concentrou-se em colher depoimentos de índios envolvidos com os fatos, o que resultou em 200 horas de gravações. Um dos depoentes, Thomaz, chefe dos guerreiros uaimiri-atroari, conta em detalhes o massacre – do qual participou, como se vê adiante.

A expedição Calleri – oito homens e duas mulheres – partiu de Manaus em meados de outubro de 1968. No dia 26, o padre mandou uma mensagem: estavam acampados com os atroaris "na primeira maloca". "Os índios compareceram, de repente, no rio (o Abonari). Inicialmente se mostraram medrosos e desconfiados, depois nos ofereceram bananas e beijos, mas não nos permitiram entrar na maloca". Os índios se agitam ao ver as mercadorias levadas pela expedição para presentear-los. Mas, "mediante artifícios oportunos", os expedicionários os estimularam ao trabalho. Os índios descar-

garam as canoas e até instalaram a antena do rádio. Ofereceram quatro panelões de bebida. "Quase 90 índios nos fizeram a grande festa".

Do dia 28 ao 30, o rádio silenciou – o que assustou a base de operações, em Manaus. No dia 31, a comunicação voltou. O equipamento sofrera uma pane. E a situação mudara. "As notícias não eram boas, a discórdia parecia se espalhar entre os expedicionários". Calleri diz, em sua mensagem: "Os motivos da enorme dificuldade deste posto é o seguinte: os índios rondam uma área do rio Uatuma. Nas poucas vezes em que os seringalistas brancos os contataram, houve o medo. Nessa altura, o índio mudou de opinião. Tornou-se prepotente. Terminadas as mercadorias, tirou-lhes a vida. Em 20 anos de história, 40 brancos e 150 silvícolas foram massacrados. Hoje, com nossa chegada, eles pensam encontrar os mesmos seringueiros".

"Estão usando técnicas finíssimas para se mostrarem furiosos e ameaçadores. Ontem à noite, fomos obrigados a comprar, com objetos, todas as armas do grupo que nos acompanha, para podermos viajar mais sossegados. (...) Hoje de madrugada, um de nossos melhores homens abandonou a expedição. Tudo indica que se nos faltarem as orações as flechas não tardarão a voar". Foi a última mensagem de Calleri.

O desertor era justamente o mateiro Álvaro Paulo. De volta a Manaus, apenas com a roupa do corpo, disse que os uaimiri-atroari haviam atacado a expedição. Não sabia se, além dele, alguém tinha sobrevivido. Disse ter conseguido escapar depois de ver os corpos de dois companheiros mutilados. O mateiro "traçava um perfil de um padre Calleri temerário, rígido e autoritário no trato com os índios, o que não condizia com sua experiência anterior, na pacificação dos ianomamis". Suas declarações estavam cheias de contradições.

Maloca queimada

Antes do massacre, Kron, o missionário americano, fizera contatos com autoridades, interessado em pacificar os uaimiri-atroari, com o apoio de outros índios, os uai-uai. Mas, lê-se no livro, tinha outra prioridade. Ele diz para quatro uai-uai (Kremtu, Kurumu, Wainá e Poñwé) que o acompanhariam à área dos uaimiri-atroari: "Nós vamos encontrar Paulo Warapuru (o mateiro Álvaro Paulo) para matar padre Calleri. Ali tem muito ouro e cassiterita, por isso temos de matar".

O americano e Álvaro encontraram-se na manhã de dia 30 de outubro. Poñwé Uai-Uai descreve o encontro: "Ai nós fomos. Voltamos no rumo da maloca queimada e encontramos Paulo. E ele falou para a gente para matar o padre no dia seguinte. Ai nós fomos ajudar a matar". Na mesma manhã, sem que Calleri soubesse, Álvaro havia feito contato com sete uaimiri-atroari, já seus conhecidos. Eram os chefes Maroaga e Maika, o chefe dos guerreiros Thomaz, Mimi, Comprido e outros dois. O mateiro os convocara para matar o padre, mas os índios em princípio resistiram.

O mateiro tinha outros trunfos. Antes de Calleri chegar, um grupo vestido com roupas de camuflagem

havia surgido na maloca do chefe Maroaga e o alertado de que o padre chegaria. Os camuflados (chamados de "soldados") disseram a Maroaga, segundo depoimento de Thomaz Uaimiri: "Ele vai dar quatro tiros para o ar, avisando que está chegando (...). Vocês fingem que estão contentes com a chegada deles e depois matam". Calleri realmente daria tiros para o ar, para anunciar sua chegada (sem o aviso, os uaimiri-atroari poderiam tomá-los por invasores).

Muito cedo, no dia 31 – o do massacre –, Álvaro reuniu-se com Kron e os uai-uai e depois com os "soldados". Lê-se: "Os assassinos chegaram às cinco horas da manhã, quando ainda estava escuro. Os uaimiri-atroari dormiam e reinava o mais absoluto silêncio no acampamento dos expedicionários, próximo às margens do rio (...). Álvaro Paulo e os "soldados" entraram na maloca acordando os uaimiri-atroari, convidando-os para irem juntos matar os expedicionários".

Tiro na barriga

Thomaz Uaimiri, um dos sete com quem Álvaro tinha falado na véspera, narra: "Ai a gente levantou e pegou as armas. Pegou flecha, pegou lança grande e foi". A caminho, combinaram que Thomaz, como chefe dos guerreiros, seria o primeiro a flechar. Depois, Maroaga e Maiká (os dois, chefes), e Comprido, Mimi e os outros. "Mas quem atirou primeiro foi um branco."

"Calleri ainda dormia, deitado em sua rede e o tiro atingiu na barriga. No entanto, o padre era forte como um touro e, mesmo baleado, saltou de sua rede, cambaleando (...). Thomaz então armou seu arco e disparou. A flecha atingiu o padre pelas costas (...) e Calleri dobrou-se ainda mais, caindo com o corpo atravessado sobre a rede enquanto os outros índios disparavam mais flechas contra ele". Thomaz diz que levou um tiro e desmaiou. Logo voltou a si e viu que todos os homens da expedição estavam mortos. Os "soldados" discutiam o destino das duas mulheres, "enquanto quatro guerreiros uai-uai, reunidos à distância, somente observavam". Descreve o livro: "Os índios, especialmente Maiká, queriam mantê-las vivas, como suas mulheres. Os 'soldados', especialmente Álvaro Paulo, contudo, não podiam permitir que elas sobrevivessem (...). A primeira a ser morta foi Mercedes e em seguida Marina".

As mulheres tiveram seus corpos mutilados pelos "soldados". Kron mandou os uai-uai levarem todos os corpos para a beira do rio, mas eles se recusaram, por medo de tocá-los. Mas o missionário americano mandou os "soldados" amarrarem os corpos os índios os puxaram até a margem. "Com a chegada da chuva, a várzea logo estaria inundada e os cadáveres seriam encobertos pela água e devorados pelos peixes e bichos do mato". Não houve tempo. No dia 30 de novembro – um mês depois das mortes – uma equipe de buscas e salvamento da Força Aérea Brasileira o encontrou.

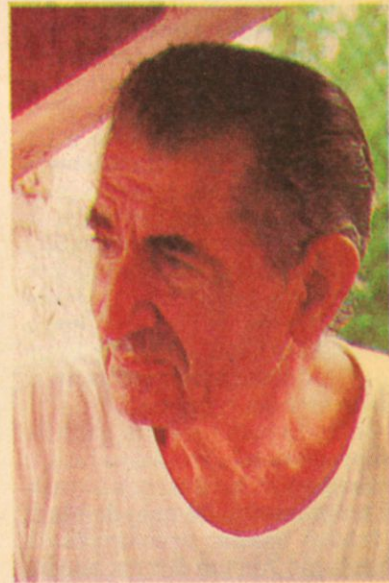
Os pertences da expedição foram distribuídos entre os envolvidos no massacre. "O próprio Kron recolheu, como sua parte da pilhagem, os pertences pessoais de Calleri, inclusive um pequeno diário que o padre sempre levava preso ao braço esquerdo". Meses depois, os uai-uai encontraram na clareira do Alalaú, onde Kron montara sua base, restos da pilhagem. Entre eles estava o diário de Calleri.

Massacre (Edições Loyola, 239 páginas, R\$ 20) recebeu forma final dos jornalistas Antonio Carlos Fon e Denise Santana Fon. Foi lançado na quarta-feira.

Valdir Sanches



POÑWÉ: envolvido no crime



O AUTOR DO LIVRO, padre Silvano



PACIFICADOR: a missão do padre Calleri era convencer os índios a permitir o avanço da BR 174



MEMBROS DA EXPEDIÇÃO CALLERI: uma das últimas fotos antes de partirem para seu trágico destino na selva



O SUSPEITO Álvaro, agachado diante das ossadas



O ÍNDIO THOMAZ, um dos assassinos: revelações

